

MIGUEL TORGA

PORTUGAL

dum Reino Maravilhoso
que não, sempre houve e
este mundo. O que é pro
lhos não percam a virg
dade e o coração, dep
etendo mostrar, meu e
lo, não só existe como
ssam imaginar. Começa
Portugal, como os ni
s para que a distância
petecidos. E quem namo
almente é rapaz e não
de trepar e atingir a
a a própria bem-



DOM QUIXOTE

Ficha Técnica

Miguel Torga - Portugal
Autor: Miguel Torga

Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2000, Herdeiros de Miguel Torga e Publicações Dom Quixote

Revisão: Susana Baeta
ISBN: 9789722042970
www.domquixote.leya.com

PÁTRIA

Soube a definição na minha infância.
Mas o tempo apagou
As linhas que no mapa da memória
A mestra palmatória
Desenhou.

Hoje
Sei apenas gostar
Duma nesga de terra
Debruada de mar.

O MINHO

*O verde come o resto do arco-íris...
Quem quer vir combater
Contra a monotonia?*

Era em Caldelas que o meu desespero se exprimia assim. Mas qual o quê! As ninfas, engrinaldadas de limos, riam-se e mergulhavam nas fontes. E um companheiro de Fafe, daltónico como todos os seus comprovincianos, só me sabia repetir:

- É sedativo...
- E bovino! - refilava eu.

Pouco depois, a caminho de Guimarães, com antolhos de parra a impedirem o aceno de qualquer horizonte, apetecia mais do que ruminar. Uma indizível melancolia, para além do quadrúpede, mandava especar a raiz num lameiro e vegetar.

Na Citânia de Briteiros, a evocação dum passado sobranceiro aos charcos, todo vivido nas alturas agrestes do mundo, deu-me um pouco de calma. Infelizmente, logo a seguir, os aquistas das Taipas lembravam anjos a veraneiar numa nuvem de clorofila... Parecia uma alucinação. E comecei a parodiar-me:

O vinho é verde, o caldo é verde...

Era uma tolice rematada ir visitar a célula da nacionalidade com tanta folha nos sentidos. A cama da pátria deve espelhar a enxerga dos filhos. E, tanto no

temporal como no espiritual, cada português nasceu sempre numa manjedoura de palhas secas. Mas, enfim...

O berço! Não há ninguém que não trema diante desta palavra. Tudo a depender dela, o bom e o mau, e a gente sem poder nada! Um momento social azado, o desvairo duma mãe, a ambição dum príncipe, a fidelidade dum aio, e eis uma nação que surge contra todas as forças que querem fazer da terra um descampado colectivo. A espada triunfadora baliza as conquistas, açaima as próprias razões da natureza, e é mais um país marcado a ferro no mapa, independente, singular, responsável. É mais um povo que pelos séculos dos séculos terá de arrastar um destino próprio, a fazer milagres da pobreza do chão, das vogais da língua, do lirismo da alma. De vez em quando poderá ter um acesso de fúria e tentar fugir de si. Baldada ilusão. Aonde chegar será sempre ele ainda, a morrer de saudades e a sonhar o regresso da aventura com uma pequena reforma. Como bálsamo, restar-lhe-á o narcisismo das façanhas passadas e o somático contentamento de ver crescer e progredir os mundos que descobriu e civilizou.

- Mas quem renega o ninho?

Era o fantasma de Soares dos Reis que fazia a pergunta, barbudo, infeliz, a macerar a mão de artista na cota de malha do Fundador.

- Eu cá, não!

Respondia-lhe de costas voltadas para o mostrengo do paço dos Duques de Bragança, com os olhos postos na capelinha de S. Miguel, toda ela a dar aconchego à pia baptismal do rei obstinado. Dizia-me mais ao coração a pureza simbólica daquela pequenez do que a grandeza balofa do casarão recheado de bricabraque.

Em baixo, estendido a nossos pés, o velho burgo mourejava corajosamente, numa actualização febril, esquecido da sua Colegiada, da sua gárgula obscena e das suas varandas torneadas onde ainda hoje apetece namorar.

A pátria não mastigava só com a dentadura patriótica das ameias do Castelo...

- Será um ídolo verdadeiro, o colosso de Pedralva que está no Museu?

O escultor negou a pés juntos. E deu-me a entender que não podia ser deus de nenhum minhoto, pré-histórico ou actual, um gigante fálico e nu. Conhecedor profundo da natureza humana, sabia que numa folhagem de caramanchão só nasce e cresce a louva-a-deus modesta, incapaz de conceber as formas da rebelião.

- Deve tratar-se do esboço dalgum caifás para o Bom Jesus de Braga...

A minha solidariedade de transmontano queria a todo o custo desfazer a realidade dum vizinho pequenino, dançarino, limitado física e psicologicamente pelos muros do seu quintal. Queria transfigurá-lo naquele pedaço de granito aberto, tosco, afirmativo e pagão. Queria mostrá-lo ao país limpo das nódoas da desconfiança, do beatério e da mesquinhez. Queria-o descomunal na alma e no corpo. Mas o do escopro opôs-se. Do tamanho dos homens sabia ele... E eu segui desiludido para Seide, ao encontro duma figuração autêntica, que fora um nome indiscutível na Samardã.

Camilo! Amamentado por dois seios de pedra, o Alvão e o Mezio, filho adoptivo dum Marão escalvado, viera refugiar-se entre ramadas. Mas deixara estampada nos livros, viva, indelével, a imagem saudosa dos torturados horizontes da infância. E as *Novelas do Minho*, em vez dum pacífico enlevo à sombra dos arvo redos, pastoris cenas de amor a prefaciá-las do litógrafo Júlio Dinis, rangem como turbulentas paixões entre o céu e a terra, nuas e ossudas. As verduras da mocidade com Ana Plácido acabaram numa segura de fraga.

Encontrei o espectro do romancista ainda mais trágico do que o deixara da última vez. O tempo afundara-lhe a marca das bexigas, aumentara-lhe a cegueira, agravara-lhe a loucura. Era um prisioneiro revoltado num jardim de

avencas. Percorreu a meu lado, sinistramente, cada compartimento da casa, reviu os desenhos do filho doido, anatematizou a lápis, numa das estantes, um volume d'*A Relíquia*, acompanhou-me ao patamar da escada, e esgalhou um rebento serôdio e agoirento da acácia do Jorge. Já nem o viço daquela lembrança podia tolerar!

Fugi, aterrado. Não havia dúvida que os quilómetros de esmeralda lhe não tinham pacificado o coração. A paisagem é, realmente, um estado de alma...

Já dentro de Famalicão, nem os olhos virei para o seu monumento. O bronze também é verde... Por entre sebes de promiscuidade vegetal, meti direito a Braga.

Não é que eu morresse de amores pela terra que o minhoto Eça julgou pouco melhor do que Jerusalém. É que, em certas horas, antes um padre-nosso do que uma imagem de pesadelo.

De resto, até numa pequena e banal cidade de santeiros e seminaristas pode haver lugar para um poeta. Unamuno escreveu no Bom Jesus do Monte uma página bem bonita sobre certa camélia que nas asas dum promessa foi ao Brasil e voltou. A retina perscrutadora do mocho biscainho soube encontrar entre a profusão de escadas, fontes, apóstolos, capelas, hotéis, esplanadas, miradoiros e lunetas de alcance a nota exacta e reveladora da alma subterrânea do português minhoto. Num simples ex-voto estava ali documentada uma pureza ingénita, religiosa e lírica, que o tempo e o poder só souberam conspurcar.

Escabreado como vinha da visita de revisão que comecei por fazer à enormidade do Sameiro, recolhi-me também alguns instantes diante do singelo testemunho de uma devoção ainda virgem dos torcegões do catecismo. Mas como não queria ficar-me apenas por uma flor de torna-viagem, seca, embora orvalhada pela frescura ingénua da fé, descí e tentei mais uma vez iludir-me. Em vão. Na Sé, na Biblioteca e na esquadra apenas encontrei teologia. Muita ciência de Deus no ritual, nas estantes e na ordem pública,

mas onde se não descortinava a mais pequena faísca de imaginação. Dissemos os entendidos maravilhas duma cultura do tempo dos afonsinos. O presente era o que se via. Até nas ruas vulgares da cidade arquiiepiscopal e nos seus pobres monumentos se estampava a indigência criadora de oitocentos anos de cantochão. Nenhum esplendor material testemunhava o espiritual.

Felizmente que os poetas, como os ciganos, são a vergonha do consenso universal. Nunca se demoram em cada terra senão o tempo suficiente para colherem nela o fruto mais doirado.

Foi o que fiz. Roubei uma maçã da cesta votiva da Fonte do Ídolo e abalei. Mas antes de meter pela estrada de Vila Verde (sempre o maldito verde!), dei uma saltada a Vilar de Frades, imagem concreta do tempo sobreposto, cada época a devorar a precedente, e todas abraçadas no mesmo terror dum desabamento iminente e final. E já que estava com a mão na massa transitória das eras, resolvi voltar de novo a S. Frutuoso, ressonância moribunda do eco bizantino que chegou até nós. Arredei as silvas que circundam o pequenino corpo colado ao grande tumor retórico que o devorou, abracei as suas oito colunas, pus na cabeça o solidéu da cúpula, e sonhei-me numa Santa Sofia em miniatura, desfigurada por bárbaros autóctones. Não tive outra maneira de cobrir tão esquelética nudez. Depois, passados os domínios de Sá de Miranda, que do remanso da Quinta da Tapada transitou para o aconchego de uma campa rasa na igreja de Carrazedo - onde finalmente desistiu de «combater com a pena da poesia» -, cheguei a Ponte da Barca e perdi-me a visitar o românico da Ribeira Lima. Muía, Bravães, S. Martinho de Crasto... Solitárias, sem fiéis, as negras capelinhas, destinadas a uma crença toda interior, pareciam-me ali penitenciárias de Deus numa paisagem festiva. Como Rates, Rio Mau, Roriz e Paços de Ferreira, foram equívocos do espírito religioso. Recalcamentos em pedra da exuberância dos sentidos. O